



**REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE**  
**PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA**

**CONFIANÇA, SOLIDARIEDADE E PARCERIA ESTRATÉGICA:  
A TRÍADE PARA A PAZ E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA  
HUMANIDADE**

**INTERVENÇÃO DE SUA EXCELÊNCIA FILIPE JACINTO NYUSI,  
PRESIDENTE DA REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE, NA 78ª SESSÃO DA  
ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS**

**NOVA IORQUE, 19 DE SETEMBRO DE 2023**

**Senhor Dennis Francis, Presidente da 78ª Sessão da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas;**

**Senhor Engº António Guterres, Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas;**

**Senhores Chefes de Estado e de Governo;**

**Ilustres Representantes dos Estados Membros;**

**Prezados Dirigentes das Organizações do Sistema das Nações Unidas;**

**Distintos Convidados;**

**Excelências!**

Início a minha intervenção transmitindo em nome do povo moçambicano, nossos sentimentos de pesar aos povos irmãos de Marrocos e da Líbia pelas tragédias que assolaram estes dois países africanos irmãos.

Quero, usar este pódio para, reiterar os agradecimentos dos moçambicanos e do nosso Governo pelo voto unânime na eleição de Moçambique a Membro Não Permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

A nossa participação no Conselho de Segurança tem nos permitido partilhar a nossa experiência na construção da paz e reconciliação nacional, contribuindo para a promoção da paz e segurança internacionais.

**Senhor Presidente da Sessão;**

**Excelências!**

Em Setembro de 2015, nesta mesma sala, aprovámos os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável que corporizam a Agenda 2030.

Como líderes, assumimos em nome dos nossos povos, o compromisso de reduzir a pobreza em 17 áreas chave e criar um mundo melhor para todos sem deixar ninguém para trás.

O Relatório de Progresso que apreciamos ontem no Painel de Alto Nível mostra claramente que o mundo continua a enfrentar várias crises interligadas que comprometem o alcance da Agenda 2030.

De facto, a crise pandémica da COVID-19, os desastres naturais decorrentes das mudanças climáticas e os conflitos armados, incluindo o terrorismo e extremismo violento, fazem com que milhões de pessoas continuem a viver na pobreza, sem alimentação adequada, sem acesso aos serviços de saúde e educação.

É verdade que as adversidades de que me referi fazem regredir os progressos que vínhamos registando desde 2015 na implementação da Agenda 2030.

No entanto, continua a ser a principal causa do insucesso desta agenda a ausência da confiança e solidariedade entre os que têm muito e aqueles que têm pouco ou quase nada.

Mesmo entre os que têm muito, ao invés de cultivar a confiança e a solidariedade, gastam os seus recursos investimento numa competição guiada pela desconfiança.

Por isso, saúdo Vossa Excelência, Dr. Dennis Francis, Presidente desta sessão, pelo tema que nos sugeriu, relativo à “Reconstrução da Confiança e revitalização da Solidariedade Global”. É um tema crucial na concretização da Agenda 2030 sobre o Desenvolvimento Sustentável em prol da paz, progresso e prosperidade, sustentabilidade da humanidade.

## **Excelências!**

Na minha intervenção, tentarei centrar a atenção sobre a **paz e segurança, combate ao terrorismo, mudanças climáticas, transição energética, economia azul e conservação ambiental**, em observância ao tema sugerido.

### **(i) Paz e Segurança**

Falando sobre a questão da **paz e segurança**, várias regiões do mundo vivem o ciclo vicioso de conflitos e instabilidade armados sobretudo em África. São milhares de preciosas vidas que se perdem.

O número de refugiados e deslocados, aumentou em mais de 50% só no ano passado.

Apesar de esforços multilaterais e várias iniciativas de paz, a nível do Conselho de Segurança das Nações Unidas e das Organizações Regionais, a guerra na Ucrânia e noutras regiões prevalece, perigando a paz, a segurança e a economia global.

O meu próprio país, Moçambique, experimentou ciclos de conflitos armados por vezes fomentados por forças alheias aos interesses nacionais. Mas a sua resolução só foi possível na base do **diálogo construtivo** assente na confiança e respeito mútuo. Foi assim que, em 2019 aprovámos a nova lei de descentralização provincial agora em curso e em Agosto de 2019, assinamos o Acordo de Paz e Reconciliação, também designado por Acordo de Maputo.

Em Junho deste ano, encerrámos a última base da RENAMO, partido que permanecia armado, marcando a conclusão da fase de desarmamento e desmobilização.

A fase crucial, agora, é a reintegração dos ex-guerrilheiros na sociedade, incluindo o pagamento das suas pensões, embora não previstas por lei.

Gostaríamos de agradecer pois este processo conta com o apoio das Nações Unidas e outros parceiros multilaterais e bilaterais.

## **(ii) Terrorismo**

### **Excelências!**

Ao mesmo tempo que procuramos encerrar um capítulo do processo de paz e reconciliação nacional, Moçambique é confrontado com o fenómeno nefasto do **terrorismo** concretamente a província de Cabo Delgado, no norte do país.

Em Março deste ano, aquando da presidência rotativa de Moçambique no Conselho de Segurança, tivemos a oportunidade de partilhar em detalhe a nossa experiência no combate ao terrorismo.

Por um lado, a nossa estratégia assenta no reforço das acções combativas das forças de defesa e segurança moçambicanas, com o apoio inicial do contingente do Ruanda e a força multilateral da SADC (SAMIM). Temos estado a alcançar sucessos visíveis no terreno, apesar dos terroristas continuarem a criar terror e medo de forma esporádica em aldeias

isoladas. Com a melhoria da ordem e tranquilidade, as populações têm estado a retornar, em massa, para as suas zonas de origem, recomeçando a sua vida com normalidade. Esta é a experiência pioneira de combinação de intervenção bilateral e multilateral. É também exemplo de solução de problemas africanos antes por próprios africanos.

Contudo, a questão que se coloca é a necessidade de apoio substancial a estes países que, de forma directa e interventiva, combatem connosco o terrorismo em Moçambique, de modo a tornar sustentáveis as operações ainda em curso.

Neste momento, o desafio é a reconstrução das infra-estruturas e a consolidação da coesão social cujas acções decorrem no quadro de um Programa Estratégico de Desenvolvimento Integrado da Zona Norte (PREDIN) que conta com o apoio de parceiros, que igualmente, apelamos a vossa solidariedade, outra vertente da nossa estratégia de combate ao terrorismo e às fragilidades.

### **(iii) Mudanças Climáticas**

As **mudanças climáticas** constituem a principal crise da humanidade neste século. Esta não é uma nova descoberta, por isso os discursos em torno desta matéria quase que se repetem.

Há várias décadas que evidências científicas mostram que o nosso planeta está à beira duma catástrofe climática. No entanto, apesar das evidências e dos compromissos assumidos anualmente nas várias Conferências sobre Mudanças Climáticas, a situação tem estado a agravar-se.

Tal como acontece com os conflitos, a causa principal da crise climática é a falta de confiança, falta de solidariedade, adicionado pelo egoísmo de alguns países.

Os países que mais poluem continuam com as emissões que causam o aquecimento global e as mudanças climáticas.

O enriquecimento destes países custa o preço da desgraça dos países que menos contribuem com a poluição, que coincidentemente são os países mais pobres.

Como consequência, as ondas de calor, ciclones, cheias, secas, terremotos, subida do nível do mar, as queimadas descontroladas e outros fenómenos extremos tornam-se cada vez mais frequentes em todas as partes do globo.

No caso de Moçambique, devido a sua localização geográfica, sofre ciclicamente o impacto devastador dos desastres naturais. Os últimos maiores ciclones, isto é, Idai, Kenneth e Freddy, provocaram centenas de mortes e perdas e danos avultados na ordem de biliões de dólares.

Até ao momento, não conseguimos recuperar nem um terço dos danos registados.

No entanto, os apoios dos parceiros têm sido muito abaixo das promessas e das necessidades.

Em muitos casos, quando estes apoios surgem, os parceiros preferem gerir os fundos fora dos mecanismos acordados com o Governo, ocasionando a sobreposição em zonas ou em programas de pouco impacto para as comunidades.

Como consequência, parte substancial dos fundos são gastos em capacitações e- ou conferências, questões burocráticas do que propriamente no apoio directo às populações afectadas, o que mais uma vez denota falta de confiança e solidariedade.

Como forma de mitigar o sofrimento das populações, temos estado a promover soluções internas na consolidação do sistema de gestão de desastres, com o envolvimento dos actores públicos, privados, sociedade civil e as comunidades locais, tendo como foco a prevenção e adaptação.

Desta forma, temos conseguido reduzir o impacto dos desastres naturais, facto pelo qual Moçambique tem merecido o reconhecimento a nível da SADC, da União Africana e das agências das Nações Unidas.

**Senhor Presidente;**

**Excelências!**

#### **(iv) Transição Energética**

A **transição energética** é um imperativo global visando construir sociedades mais resilientes e sustentáveis. No entanto, defendemos que a transição energética deve ser justa e deve servir de rampa, de modo a permitir aos países pobres encontrar uma janela de oportunidade na diversificação da matriz energética, por forma a consolidarem a sua base económica.

A transição energética requer investimentos de vulto em projectos de geração de energia a partir de fontes limpas.

Mais uma vez, convida-se aos países mais industrializados para serem solidários incrementando o financiamento climático.

Moçambique é uma referência regional pela diversidade da sua matriz energética que inclui barragens hidroeléctricas com destaque para Cahora Bassa, centrais solares e eólicas, estando em curso o projecto da construção da barragem de Mpanda Nkuwa, actualmente.

No ano transacto, Moçambique juntou-se ao grupo de países produtores e exportadores do gás natural liquefeito, um passo importante na aceleração da transição energética.

Actualmente, o sector energético é dominado pela energia hídrica, com capacidade de dois mil, cento e setenta e dois megawatts; solar, com noventa e cinco megawatts; a gás, quatrocentos e quarenta e um megawatts e a diesel, cento e vinte megawatts, com potencial de entrada em operação da Central Térmica de Temane no último trimestre de 2024, com capacidade de quatrocentos e cinquenta megawatts, e com um ciclo de maturação mais prolongado, a Nova Hidroeléctrica de M'panda Unkuwa, com capacidade mil e quinhentos megawatts, em 2030.

(v) De igual, Moçambique aposta no desenvolvimento da **economia azul** para otimizar os recursos da extensa zona económica exclusiva ao longo da costa com 2.700km.

#### **(vi) Conservação do Ambiente**

Somos, igualmente, um país com uma **legislação ambiental** robusta que incorpora as principais convenções internacionais, incluindo o Acordo de Paris, a Convenção sobre a Protecção das Espécies em Risco de Extinção (CITES) entre outras.

No quadro do Compromisso Determinado pelo País (NDC), em 2021, Moçambique tornou-se o primeiro país africano a receber pagamentos do fundo do Banco Mundial por reduzir as emissões provenientes do desmatamento e da degradação florestal.

No ano passado, lançámos a iniciativa regional sobre o “Manejo Sustentável da Floresta do Miombo” que culminou com a adopção da Declaração de Maputo, endossada por 11 países da SADC.

A floresta de Miombo é o maior ecossistema de florestas tropicais do mundo, dominada por três espécies e que se estende por mais de 2.574km de comprimento ao longo da grande bacia do Zambeze, abarcando 8 países da África Austral.

Nesta iniciativa que visa projectar a natureza contamos com o apoio dos parceiros multilaterais e bilaterais na conservação da floresta do Miombo, que muito pode contribuir no sequestro do carbono no planeta.

### **Excelências!**

Os desafios que a humanidade enfrenta na actualidade são gigantescos. Porém as soluções estão ao nosso alcance.

Nós, os líderes aqui presentes, temos a responsabilidade histórica de salvar o planeta a bem das gerações vindouras.

As áreas prioritárias que requerem uma acção urgente estão claramente identificadas, com a matriz de soluções já definidas, das quais destacamos três.

**Primeiro**, precisamos de renovar a nossa vontade política e redobrar esforços para acelerarmos a concretização das metas da Agenda 2030. Não precisamos de produzir discursos analíticos, o que é importante é cada um agir com força e recursos de que dispõe.

**Segundo**, temos de intensificar políticas integradas com acções concretas de erradicação da pobreza, redução das desigualdades e a preservação da natureza, empoderando as mulheres, jovens e outros grupos vulneráveis.

**Terceiro**, devemos fortalecer a parceria internacional e o multilateralismo tendo como base, o sistema das Nações Unidas. No entanto, 78 anos depois da criação das Nações Unidas o mundo conheceu profundas transformações, o que requer reformas profundas.

Termino apelando a existência de um sistema financeiro internacional mais inclusivo guiado por regras transparentes e mutuamente vantajosas, onde a África participe como um parceiro que também tem muito a dar ao mundo e não seja apenas um entreposto que fornece produtos



baratos aos países ou a multinacionais que dominam o mercado internacional. Para tal, precisamos de resgatar a confiança e o respeito mútuo entre os Estados, que são os princípios sacrossantos da Carta das Nações Unidas. Só com confiança, respeito mútuo e solidariedade poderemos construir um mundo melhor, de paz, seguro e sustentável e de bem-estar para todos.

**Muito obrigado pela atenção dispensada!**